

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense
Rua de Payo Galvão

Padre Santanna

Morreu o Padre Manuel Fernandes Santanna.

Deus sabe com que dôr passo ao papel esta phrase pungente!

Morreu o maior sábio português dos últimos tempos, o homem mais vivamente apaixonado da verdade que me tem sido dado conhecer, o mais vigoroso e ardente apóstolo da causa da Igreja numa época em que tanto custa e tam poucos se decidem a cumprir tal dever, um sacerdote de character austero e de extremada virtude!

Morreu o varão extraordinário, em quem o espirito, portentosamente intelligente, laborioso e recto, parecia ter vida inteiramente independente do corpo, franzino e enfermo.

O Padre Santanna viveu muito, mas morreu!

Viveu muito, sim, nos seus 46 annos; porque «a velhice veneravel não é a diuturna nem a computada pelo numero dos annos.» (Sap.)

O Padre Santanna não foi do numero daquelles que confundem o viver com o andar no mundo; daquelles «que não deixam memoria; daquelles que perecem, como se não tiveram sido» (Ecl.). A sua vida foi tam intensa e tam fecunda, que, «tendo vivido pouco tempo, encheu a carreira de largos annos, porque a sua alma era agradavel a Deus: por isso elle se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades.» (Sap.)

Morreu, mas morreu como vivera.

«Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor!» (Apoc.)

«Mortos que morrem?!...» Sim: e o Padre Santanna foi desses. Antes de morrer, já estava morto pelo affecto: ao saber das supplicas dirigidas a Deus pela sua conservação, respondia: «Deixem-me ir para o ceu!»

Se alguém lhe fallava na falta que o seu muito saber, zêlo e actividade havia de fazer à causa

cathólica, dizia: «Nós, os homens, não fazemos falta à obra de Deus.»

Que alma de christão, de sacerdote, de santo!

Guardarei como preciosa reliquia um bilhete, escripto a lapis, em characteres um tanto tremidos mas rasgados, com que talvez o grande homem fechou a sua gloriosissima carreira de escriptor.

«Meu caro amigo» diz o illustre moribundo, ardendo ainda em zêlo pela causa da Igreja, a que de todo e incondicionalmente se votara «Do seu calvario eleito de agonia, envia-lhe um apertado abraço e as mais cordeas e ardentes felicitações pela carta do SS. Padre Pio X o P.º Santanna, S. J.»

Este bilhete, associado pela occasião ao precioso autographo de Pio X, ficá-lo-ha tambem na minha memoria e no meu coração.

Dai, Senhor, ao vosso servo o eterno descanso nos resplendores da luz perpétua!

Padre José Lopes Leite de Faria.

«A única precaução contra os assaltos da morte é a innocência da vida.»

Bossuet.

Discussões jornalísticas

A imprensa religiosa entre nós tem melhorado muito de ha annos para cá, material e intellectualmente; e já é grande o numero de leitores que a apreciam; e tambem a influencia que por isso exerce na opinião pública. Graças a Deus.

Todavia eu, que nunca fui nem espero vir a ser um jornalista profissional e que portanto nenhuma influencia posso ter na direcção dos órgãos da imprensa religiosa, entendo que a muitos desses órgãos preside um critério bastante accommodatício.

Longe de mim eu pretender que a nossa imprensa seja propositadamente provocadora ou pessoalmente aggressiva para quem quer que seja; mas não a posso louvar quando ella emmudece em silêncios compromettedores ou applaude homens e acções que muito esquerdeiam da linha recta do dever.

Ha silêncios que sam applausos e ha applausos que sam culpidades. E aqui está um escólho contra o qual muitas pessôas, aliás bem intencionadas, se vêem esbarrar.

Para não irmos mais longe, encaremos agora na questão da *Voz de Santo Antonio*.

E' um facto, lamentavel sim, mas innegavel, que essa revista tem expendido em suas columnas muitos erros philosophicos e theológicos, alguns dos quaes gravísimos e inteiramente indesculpaveis.

E qual é a attitude da imprensa religiosa perante essa revista tam mal orientada?

A não serem dois ou tres periódicos, e que por signal não sam dos mais lidos, todos os mais se calam ou approvam, ao menos indirectamente, fazendo reclamo a cada numero da *Voz de Santo Antonio*.

Ora isto não se comprehende e muito menos se desculpa. De duas uma: ou os erros attribuidos a essa revista sam certos, incontestaveis e averiguados, ou sam meras phantasias dos seus detractores. No primeiro caso, por que não sam reprovados abertamente e apontado como um perigo de perversão o periódico que os publica? Na segunda hypóthese, por que não vêm defender a publicação incriminada os jornaes que sympathizam com ella? Não foi sempre uma obra meritória defender a innocência?

Pretenderá allegar alguém que não convêm discussões entre jornaes cathólicos e que os derradeiros Pontifices romanos as têm prohibido. — E' preciso distinguir. Se as discussões versam sobre questões adiáphoras, sobre modos particularistas de ver, convem evitá-las, porque geralmente tomam um aspecto muito pessoal, tornam-se irritantes, occasionam divisões e enfraquecem-nos deante dos nossos inimigos.

Mas, se essas discussões tendem a destruir erros certos, averiguados, contra a sã philosophia, contra as verdades christãs, sam necessárias e ninguem se deve escandalizar com ellas. Todos devemos desejar e buscar a paz, mas na verdade e nunca no erro. O proprio Jesus Christo disse: «não vim metter paz, mas a espada».

E a revista franciscana não merece a minima contemplação. E' contumaz. Foi avisada muitas vezes para que mudasse de orientação e tivesse mais cuidado na exposição das suas ideias. Tudo tem sido baldado.

Das primeiras vezes em que

ella suscitou reparos nos seus leitores, podia ter uma tal ou qual desculpa na inadvertência, precipitação ou ignorância dalgum seu collaborador, e asou-se-lhe uma occasião favoravel de se justificar airosamente. Não o quis assim. Obstinou-se na repetição dos erros que já tinha propalado, e ainda lhes tem accrescentado outros.

Agora o silêncio ou benevolência para com ella seria uma verdadeira culpidade. E nisto deve attentar toda a imprensa religiosa, cujo fim é defender a verdade e não dissimular o erro.

Ninguem tem gosto em combater a revista franciscana, tam funesta pelas suas doutrinações; mas a necessidade de esclarecer os fieis e apontar-lhes o verdadeiro caminho é que determina estas discussões.

Parece que todos os cathólicos assim o deviam entender; e muito lamentamos que alguns com o seu procedimento dúbio sejam occasião de confusões e ansiedades para os espiritos menos esclarecidos.

P. A.

«A indulgência a favor do vício é uma conspiração contra a virtude.»

Barthélemy.

As doutrinas da «Voz de Santo Antonio»

Vai reproduzido na terceira página do presente numero de *A Restauração* o artigo sobre os erros da *Voz* publicado no numero 266 (de 6 de Fevereiro passado). As pessôas que têm desejado a collecção dos artigos e não têm podido receber aquelle por estar esgotado o numero em que elle se publicou, podem pedi-lo de hoje em deante.

«Nunca o crime é mais perigoso, do que quando se apresenta sob a máscara da virtude.»

Duclos.

Exemplo typico

«Il a, sans rien savoir, la science en partage.»

(Boileau.)

E' geralmente sabido e mil vezes affirmado que a quasi totalidade dos inimigos da Igreja sam ou corações corrompidos ou espiritos ignorantes e atrevidos, ou — mais frequentemente — corrompidos e ignorantes ao mesmo tempo.

Em Portugal, encontramos a mais farta colheita de taes inimigos da religião nas fileiras do chamado partido republicano, cujos

prosélytos, por uma grosseira falta de senso commum, se julgam na obrigação de se mostrar anticathólicos.

Onde quer que se manifeste a acção republicana, ha de vir concomitantemente algum insulto ao catholicismo ou às suas instituições. Ai vai um exemplo.

Começou, ha poucas semanas, a publicar-se nesta cidade uma folha que se subintitula «Órgão da commissão municipal republicana». Pois já seria temeridade tentar pôr em rol todas as suas desconchavadas provas de desprezo e ódio à religião santa que quasi todos os Vimaranesenses se honram de professar.

Mas querem os leitores saber de que estofo sam esses escriptores que assim se atrevem a insultar, em suas crenças, toda a gente séria de Guimarães? Damos-lhes uma leve amostra.

Ha dias publicaram-se nessa folha uns versos em que um redactor, cujo nome hoje calamos, depois de se referir, sem grande jeito, às crenças da sua infância, conclue dizendo:

«Hoje transfigurou-se a crença louca,
E as orações que, no meu culto, digo
«São do espirito, sempre, d'um grande homem!»

Este «grande homem!» (com ponto de admiração), em outro artigo abalançou-se tambem a fallar do cometa: e para isso sobralhe a sciência. Se não, vejam.

Diz que «os astrónomos annunciavam a aparição do cometa de Halley» no próximo dia 18. Esta calúnnia assacada aos astrónomos por um tam «grande homem!» tem pouco valor, porque já não ha aí ninguem que não tenha visto o famoso astro, apesar de ainda estarmos longe do dia 18; e os astrónomos já o vêem ha muitos meses.

«Resam que foi no anno 12 da nossa era que elle se viu pela primeira vez, tomando o nome do seu descobridor.» Esta é um pouco mais grave, porque nem todos os analfabetos têm ouvido dizer que Halley nasceu em 1656 e que, portanto, só com instrumentos muito apurados é que poderia fazer um descobrimento 1644 annos antes. Dá-se mais o caso — que admira ter passado despercebido a tam «grande homem!» — de que no anno 12 ninguem viu nem podia ver o cometa: a sua última passagem pelo perihélio havia-se realizado 22 annos antes (a 8 de Outubro), e a primeira seguinte só veio a realizar-se 54 annos depois (a 26 de Janeiro).

Como quer que seja, um sábio republicano é um «grande homem!» superior. «Eu, como um estoico e um forte, leio com curiosa serenidade os prognósticos diversos...» Pedimos aos leitores que se não riam, suppondo talvez que o «grande homem!» não é um forte ou não sabe sequer o que é ser estoico; porque, poucas linhas antes, elle começa assim o sábio artigo: «Com emoção vemos aproximar-se o dia 18 de maio...» E' a «emoção» da «serenidade».

O «grande homem!» não se importa de ser victima do cometa. E a razão, impregnada de profundissima philosophia, é ter o sábio estabelecido para si «este juizo inabalavel: — tenho de morrer, ignoro quando.» A única anormalidade que o «grande ho-

«Roma locuta est!»

A «Voz de Santo Antonio,, condemnada

Já depois de impressa a primeira página do presente número de *A Restauração*, recebemos de Roma o *Osservatore Romano*, do dia 5 do corrente, e nelle encontramos o seguinte documento, dirigido pelo Eminentissimo Cardial Secretário de Estado, em nome e por ordem do Summo Pontifice, ao Excellentissimo Arcebispo Primás de Braga:

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor

Cumpre-me significar a V. S. Ill.^{ma} e Rev.^{ma} que tem sido apresentadas á Santa Sé graves e repetidas queixas da parte dos cathólicos Portugueses, com respeito aos perniciosos effeitos produzidos no Reino Fidelíssimo pelas doutrinas divulgadas pela revista «A Voz de Santo Antonio», que nessa cidade publicam os Religiosos Franciscanos.

Tendo por isso o Santo Padre feito examinar os artigos e trechos incriminados, foi reconhecida a veracidade das accusações dirigidas contra a sobredita Revista; tendo-se os seus Redactores, esquécidos da sua profissão, encaminhado por uma estrada pouco segura, e estando muitas das suas doutrinas em manifesta opposição com o espirito da Igreja, e com as instrucções da Santa Sé.

Este facto magoou vi-

vamente o ánimo de Sua Santidade, o Qual, a fim de que se possa remediar de um modo prompto e efficaz ao mal, já muito grave, causado pela mencionada Revista, e a fim de que se possa evitar o augmento da perturbação e discordia que taes doutrinas tem suscitado entre os fieis Portugueses, ordenou-me que communique a V. S. o Seu desejo e a Sua vontade de que o Periódico «A voz de Santo Antonio» suspenda immediatamente a sua publicação.

V. S. pois terá o cuidado de que sejam executados os desejos e ordens do Santo Padre; e eu, ao confiar-lhe este encargo, aproveito a occasião para me declarar mais uma vez, com sentimentos da mais alta estima,

De V. S. Ill.^{ma} e Rev.^{ma}
Servo

R. Card. Merry del Val.

Nada precisamos de acrescentar. Este documento diz tudo.

A ansiedade dos espiritos deve terminar. Vê-se onde está o erro e onde está a verdade.

«Roma locuta est; causa finita est.»

Bemdito seja Deus! É abençoado o seu Augusto Vigário!

mem!» descobre em ser vítima da cauda cometária é não ser o caso contado nas «chronologias dos jornaes».

Não avertam os leitores que as *chronologias* façam ali o officio de *neclólogo*: seria temeridade oppôr embargos á sciência philológica de tal gente.

Pois o «grande homem!», de cuja profunda sciência ai ficam lejeiras amostras, não julgou completa a sua erudita dissertação sobre o cometa, sem concluir com os seguintes grosseiros disparates contra a religião:

«Os espiritos fanatisados pelo christianismo andam dispondo as suas almas para o imprevisito cataclysmo.

«N'este seculo já distante da Meialdade, o preconceito volta a apoderar-se das crenças das consciências obscuras da doutrina do catholicismo. Atemorisam-se á ideia de que possam morrer sem o acto-de-contrição! Por isso, entregam-se ao cuidado dos ministros de Deus, para que elles se encarreguem da salvação das suas almas, para que, no caso de morrerem no dia 18, as portas paradisiacas se abram, acolhendo-as no seu seio de bemaventurança! E esses ministros, por sua vez, *exploram* o caso, com incrível petulancia, fanatisando mais os espiritos inconscientes, pintando-lhes o quadro com as tintas mais negras... Isto dá-se en-

O que tem immensa graça é ver um «grande homem!», que se mostra tam completamente limpo de conhecimentos, fallar em «consciências obscuras pela doutrina do catholicismo!» Se o catholicismo obscurece as consciências, o «grande homem!» dá todos os signaes de ser tambem um «grande cathólico»: ou então devem chamar-se consciências esclarecidas as dos republicanos que não sabem orthographia, nem a significação das palavras, nem as regras da pontuação, nem as normas da syntaxe, nem coisa nenhuma dos assumptos sobre que fallam, nem sequer... calar-se para não arrotar tão lastimosa ignorância.

Não é raro ouvir-se a certos impiotes que a fé é inconciliavel com a sciência. E nós, attendendo á ideia que elles formam da sciência, achamos que ha motivo para affirmarem tal opposição: na verdade, a religião não se dá com semelhante sciência.

Quanto aos sacerdotes que «*exploram* o caso», está aqui a affirmação dum facto tam verdadeiro como o de Halley ter feito descobrimentos 1644 annos antes de sua mãe o dar á luz.

«Isto dá-se entre nós, porque o meio presta-se extraordinariamente...» Os Vimaraneses de certo desculpam o insultuoso conceito que se colhe da interpretação óbvia destas palavras, porque ellas, afinal, tambem sam susceptiveis dum sentido justo: na verdade, «isto (o arrotar-se tal gente em doutrina dos seus concidadãos) dá-se entre nós, porque o meio presta-se extraordinariamente (desprezando, por inoffensivo, o petulante tá-tá destes aprendizes de jacobinos)...»

Tambem é um tanto curioso que a portentosa intelligência que descobriu um Deus a seu modo e que o vê aqui, ali e além, não visse que todos se haviam de rir de tam fazendo desconchavo.

E aquelle último período!...

E é esta gente a que insulta a religião e aquelles que a professam!... Coitados!...

Digam-nos os leitores se conhecem melhor exemplar de adversário do catholicismo.

«Ha censuras que elogiam, e elogios que censuram.»

La Rochefoucaud.

Anecdotas históricas

CXC

Quem bebeu e não bebe. — Carlos XII, rei da Suécia, num momento em que se achava embriagado, faltou ao respeito a sua mãe. Esta retirou-se triste para os seus aposentos, donde não saiu no dia seguinte. O rei pergunta a razão disso. Ao sabê-la, toma um copo, vai ter com sua mãe e diz-lhe: «Senhora, ontem, no vinho, esquécime do respeito que vos devia. Venho pedir-vos perdão e beber este copo de vinho à vossa saúde. Será o último da minha vida.» E desde então nunca mais bebeu vinho.

CXCI

A majestade do culto cathólico. — O imperador ariano Valente, que debalde procurara levar ao erro S. Basilio, ora por promessas, ora por amiaças, entrou um dia da Epiphania na cathedral de Cesareia, durante a Missa solemne. Ficou de tal modo impressionado com a majestade das cerimónias, que esteve a ponto de desmaiar.

Nada ha, na verdade, comparavel á majestade do culto cathólico.

«Uma injustiça feita a um só homem é uma amiaça para todos.»

Confúcio.

Curiosidades

Na China. — Uma nova estatística, feita por diligências do governo chinês, revela um facto importante.

Estava toda a gente que lê habituada a pensar e a dizer que a China era povoada por 400 milhões de habitantes. Mas, pelo visto, semelhante formigueiro de gente só existe no papel: a realidade é muito mais modesta.

Aquelle povo é refractário ao recenseamento. Por isso a estatística, para ter base segura, foi feita pelo número das habitações. Achou-se que o número total destas não excede 32 milhões.

Se se tomarem como média de cada casa cinco moradores, temos a população do ainda assim populoso império reduzido a 160 milhões, isto é, muito menos de metade da que se lhe attribuía.

Em Nova York. — Querem os leitores saber quanto devora esta immensa cidade? Num anno — em 1909 — comeram-se ali 624 milhões de libras de carne de boi, 310 milhões de carne de porco, 210 600 000 de carneiro, 37 410 000 de vitella, 49 590 000 de aves, 181 954 920 dúzias de ovos, 134 723 618 de manteiga, 33 708 517 de queijo, 4 112 841 saccos de farinha, 6 milhões de saccos de trigo, 3 milhões e meio de saccos de batatas e 1 billião de litros de leite.

Numa semana, Nova York consume 28 milhões de ovos, isto é, 4 milhões por dia.

Imagine-se que uma guerra ou outra circunstancia egualmente forte impede a entrada dos alimentos na cidade...

«A desordem almoça com a abundância, janta com a pobreza, ceia com a miséria e vai deitar-se com a morte.»

Franklin.

Qual é a minha vocação

O que devo aconselhar acerca da escolha de estado?

CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

II

DO ESTADO DE VIDA COMMUM

III conversa — DO CELIBATO

Theophilo. — Por consequencia este voto é valido, o que suppõe que o celibato é de conselho.

O missionario. — Sim, Theophilo, é de conselho. Nada é mais certo.

Theophilo. — Mas a quem se dirige este conselho?

O missionario. — A todos. Deus não exclue ninguem da pratica do que é mais perfeito. *Eu queria, diz S. Paulo, que todos fossem como eu.* E o catechismo do Concilio de Trento nos ensina que a virgindade é aconselhada a cada um nos Livros santos.

Theophilo. — Como Deus é bom em deixar livre a todos a carreira da virtude!

O missionario. — E esta bondade é muito propria para excitar as almas generosas a combater os bons combates da fé; mas deixame, Theophilo, dar-te aqui a definição do santo Concilio de Trento a respeito do assumpto que nos occupa: *Se alguém disser que no estado conjugal deve ser preferido ao estado de virgindade ou de celibato; e que não é melhor nem*

mais feliz guardar a virgindade ou o celibato que entrar no matrimonio, seja anathema. Tal é a fé da Igreja.

Theophilo. — Assim pois, é deixar de ser catholico dizer que o matrimonio é preferivel ao celibato, que é tam perfeito e feliz como o celibato.

O missionario. — Sim, é fazer-se protestante; e até protestantes têm reconhecido que o celibato é preferivel ao matrimonio, neste sentido, que liberta mais effizamente o homem das penas e das solitudes do tempo; alguns destes herejes confessaram até que o celibato tornava o homem mais apto para a pratica da religião.

Theophilo. — Eu tenho notado, effectivamente, que as almas que vivem castamente no celibato sam manifestamente as mais assiduas na oração, nos santos officios e na frequentação dos sacramentos.

O missionario. — Acrescenta ainda que ellas sam as mais diligentes em fazer o bem e em se alistar nas obras de caridade, em ser como anjos de paz na sociedade e na familia, consolando todas as dores e dispendendo para serem uteis a todos.

Theophilo. — E' verdade, meu Padre; e eu tenho notado, ao contrario, almas até ali fervorosas e dedicadas ao bem, que abandonaram depois do seu casamento não só as obras de zelo e as praticas piedosas, mas até os deveres do christão.

O missionario. — Isso explica-se facilmente: «A virtude, diz S. João Chrysostomo, torna-se, no matrimonio, tanto menos facil quanto o cuidado duma esposa e a inquieta solicitude dos filhos detem a alma e a reconduzem forçosamente ás coisas da terra. Se o homem encontra na mulher alguns soccorros para a pratica duma virtude mediocre, a mulher é-lhe um obstaculo, quando elle quer seguir pelo caminho da perfeição.»

Theophilo. — Este santo doutor não falla senão para os homens?

O missionario. — Sim; mas S. Ligorio vai-nos dizer o seu pensamento sobre as mulheres casadas: «As pobres mães de familia, escreve elle, encontram muitos obstaculos á santidade, e quanto mais ellas sam illustres no mundo, tanto mais numerosos sam esses obstaculos: o marido quer ser servido, ralha; os creados perturbam a paz do interior pelas suas queixas; os filhos, se sam pequenos, choram; se sam grandes, sam uma causa eterna de inquietação. E' preciso que as mulheres conversem, ao menos nas visitas, com todas as especies de gente; em suas casas devem receber os parentes, os amigos do seu marido. Oh! que de occasiões de perder a Deus!...»

Theophilo. — Mas tambem que de meritos ellas devem adquirir!

O missionario. — O Santo doutor previne o teu pensamento. «Ellas poderiam merecer muito, diz elle, supportando com paciencia a servidão a que estão reduzidas, mas no meio de tanta barafunda, sem oração e sem sacramentos, ser-lhes-ha muito difficil ter jámais esta resignação.» De resto, tu sabes, Theophilo, que, como o ensina S. Thomás: «O que é mais difficil não é só por isso mais meritorio.»

Theophilo. — Como assim, meu Padre?

O missionario. — «O que apresenta mais difficuldades, para ser mais meritorio, deve ser ao mesmo tempo melhor.» E' a palavra do doutor angelico. Ora, o celibato é melhor e mais perfeito que o matrimonio. Isto será a materia da nossa futura conversa.

Continua.

«Assim como nada é mais bello do que conhecer a verdade, tambem nada é mais vergonhoso do que approvar a mentira e tomá-la pela verdade.»

Cicero.

EDUARDO VII

Pouco antes da meia noite do passado dia 6 expirou, no meio da sua familia, o rei Eduardo VII.

A consternação na Inglaterra, onde o povo é profundamente afeiçoado ao seu soberano, é geral e extrema.

Nas diferentes partes do mundo, donde ha noticias, a impressão produzida pelo inesperado acontecimento é de muito pesar.

Eduardo VII foi o árbitro dos destinos da Europa, e foi um árbitro pacífico.

Deu ao seu país, em menos de dez annos de reinado, mais brilho do que lhe dera o meio século do governo de sua mãe, a rainha Victória.

Os seus meios não eram os mesmos: eram inteiramente pessoas, colhidos no conhecimento dos estados que tinha visitado, com a vontade, hoje manifesta, de pôr a sua experiência ao serviço da paz da Europa, ao mesmo tempo que dos interesses da Inglaterra.

Apenas subido ao throno, pôs fim à guerra do Transvaal: depois applicou-se a conquistar para o seu país allianças e amizades.

Faz muita falta à Inglaterra no momento em que uma grave crise interior bem precisava do seu tacto e habilidade.

Faz falta à Europa no momento em que a sua serenidade e poder mais uteis seriam para manter o tam amiaçado equilibrio.

E faz falta a Portugal, que elle muito amava e onde a sua influencia era um motivo de confiança para muitos.

Era protestante—e isso lamentamos muito—, mas mostrava-se respeitador e benévolo para com os catholicos, nomiadamente abrindo franca hospitalidade às congregações religiosas brutalmente perseguidas e expulsas pelo jacobinismo francês.

Deus queira que a sua morte se não reflecta desastrosamente na paz do mundo, e que o seu successor seja um bom soberano.

«Quando a liberdade não é mais do que o desejo de alguém se mostrar liberal ou de se livrar duma compaixão importuna, falta as mais das vezes ao dever que julga cumprir.»

Marmontel.

Theses para o quinto congresso das agremiações populares cathólicas

Sessões publicas em Lisboa nos dias 24, 25 e 26 de junho de 1910

I secção—Acção social

1.º—Acção social da Igreja—A Igreja e os humildes.

2.º—Necessidade da concentração das forças vivas da Igreja Lusitana para acudir ao restabelecimento da ordem social e moral do país.

3.º—Representação da classe operaria no parlamento—voto obrigatorio.

4.º—Abolição ou, pelo menos, diminuição do imposto de consumo.

5.º—Duração do trabalho—revindicações do 1.º de Maio.

6.º—Trabalho das mulheres e dos menores nas fabricas—sua regulamentação—creches.

7.º—Caixas economicas e ruacs.

8.º—Necessidade da organização profissional dos operarios da industria.

9.º—Personalidade civil completa das Uniãoes profissionais e extensão para ellas do direito de propriedade.

10.º—Participação nos lucros.

11.º—Facilitação do credito—credito agricola.

12.º—Constituição de Camaras regionaes de trabalho e industria.

13.º—Conselhos permanentes de arbitragem.

14.º—Pequena propriedade—casas de familia—meios de evitar a excessiva pulverização da propriedade—conservação dos baldios.

15.º—Protecção á pequena industria e ao pequeno commercio contra todos os monopolios.

II secção—Escola e Imprensa

1.º—Vantagens das escolas profissionais—meios para desenvolver o ensino profissional.

2.º—Conveniencia de organizar o ensino social christão nas agremiações populares.

3.º—Urgencia no combate ao analfabetismo—escola e institutos cathólicos.

4.º—Necessidade do ensino religioso na escola primaria, secundaria e superior.

5.º—Patronato escolar.

6.º—Educação civica—culto dos nossos heroes—NunAlvares—respeito á bandeira.

7.º—Círculos de estudos.

8.º—Conferencias publicas de propaganda e educação—projeções luminosas—plano e distribuição.

9.º—Liga de conferentes—fundo para a propaganda.

10.º—Necessidade inadiavel de proporcionar ao operario boas leituras, creando no seu espirito um justo horror pelo jornal que ataca a Igreja e lisonjeia as paixões—protecção á boa imprensa.

11.º—Educação physica.

12.º—Hygiene das escolas, ateliers e fabricas.

13.º—A Igreja e a sciencia.

III—Moralização social e assistencia

1.º—Importancia das associações de caridade, como a Conferencia de S. Vicente de Paulo e analogas, para a assistencia material e espirital dos desvalidos.

2.º—A familia operaria—sua dignificação—necessidade de se fundar sobre uma base fortemente moral e religiosa.

3.º—Descanso dominical.

4.º—Habitações operarias.

5.º—O trabalho no domicilio.

6.º—A mulher no lar domestico.

7.º—Meios de combater effizamente a usura, a agiotagem, o luxo e o jogo.

8.º—Reformas e aposentações operarias.

9.º—Vantagens sociaes e religiosas do Apostolado da Oração e Liga do Sagrado Coração de Jesus e outras associações de piedade—meios de as propagar.

10.º—Alcoolismo e tabagismo—meios práticos de impedir o seu progresso.

11.º—Patronato dos delinquentes depois do cumprimento da pena.

12.º—Cooperativas de consumo.

13.º—O problema da protecção aos emigrantes—conveniencia do estreitamento, sobre esta base, das relações entre cathólicos portugueses e brasileiros.

«As caricias dos maus encobrem sempre alguma perfidia.»

Phedro.

Notiçario

Cartas de encomendação.—Foram passadas por um anno aos seguintes presbyteros:

Ao rev. Manuel Gomes Alves, para a freguezia de S. Thomé de Abbação, e ao rev. Manuel Joaquim Marques, para Santa Maria de Corvite, ambas deste concelho.

Declaração

Sem desprimor para pessoa alguma, declaro que não sou auctor da Correspondencia de Guimarães, publicada no n.º 1000 do jornal *Portugal*, de 6 de corrente. Guimarães, 7-5-1910.

Pereira do Paço.

S. Torquato.—Realiza-se no proximo domingo, 15 do corrente, no grandioso e pittoresco local de S. TORQUATO a denominada ROMARIA PEQUENA, que, de anno para anno, vai attingindo as melhores proporções, já pela muita crença que sempre nos inspira o Milagroso Santo, e já pelos sumptuosos melhoramentos que alli se admiram.

A feira de gado bovino, que tem sido importante em transacções, contribue tambem para a grande concorrencia de forasteiros e proporciona assim a todos os fieis um dia agradável e de completa distracção.

Programma

Ao romper da manhã a festa é annunciada com prolongadas salvas de fogo, em quanto algumas bandas de musica vam percorrer os largos que rodeiam o majestoso templo.

Às 9 horas, a Nova Phylharmonica Vimaranesse percorrerá as ruas de Guimarães dirigindo-se em seguida á formosa estancia de S. TORQUATO.

Pelas 10 horas, no seu Santuario, terá principio a brilhante festa que consta de missa cantada a grande instrumental e exposição do Santissimo Sacramento.

Ao meio dia subirá ao ar grande numero de foguetes, que annunciarão bem longe tam importante festividade, percorrendo novamente o local as referidas phylharmonicas.

Procissão.—Às 3 horas haverá um solemne «Te-Deum», e sermão, saindo em seguida a majestosa procissão, levando a imagem do Martyr Torquato em seu andor, um côro de virgens entoando canticos allusivos, corpo clerical, o palio sob o qual será conduzida a Reliquia do Santo Lenho, fechando o prestito uma força de infantaria n.º 20 e uma banda de musica. No final de tam aparatosa e luzida procissão, as bandas de musica, em elegantes coretos, farão ouvir as variadas peças dos seus vastos repertorios.

A' noite.—Iluminação, fogo do ar em abundância e vistosos aerostatos, formarão um divertido arraial que se prolongará até altas horas.

Gualterianas.—Reuniu no dia 29 do passado, no edificio da Associação Commercial, e sob a presidencia do snr. João Gualdino Pereira, a commissão do programma, composta dos snrs. dr. Eduardo de Almeida, Abel Cardoso, José Luis de Pina e padre G. Roriz.

Delineou-se o programma, na sua generalidade, devendo, pelo que delle consta, esperar-se que as festas gualterianas egualmente, se não excederem, o que se tem feito nos annos anteriores.

Premio.—No certamen musical, realizado em Barcellos por occasião da festa das Cruzes, foi conferido o premio de 30.000 á banda dos Guises, desta cidade.

Esta banda chegou aqui na passada quarta-feira, sendo recebida pelos seus partidarios com manifestações de regosijo.

Missa de suffragio.—A meza da V. O. T. de S. Francisco mandou celebrar na

As doutrinas da «Voz de S. Antonio» MORAL

I

DOCTRINAS COMMUNS NA EGREJA

«Se é licito aos paes mandarem seus filhos a escolas em que haja perigo de perversão.—Não só pode por lei ecclesiastica ser defeso que os fieis frequentem taes escolas, mas estão d'isso prohibidos pela propria lei divina e natural...»

Ojetti, *Synopsis*, v. Scholae.

«Se o perigo de perversão não pode de proximo tornar-se remoto, taes escolas não podem *tuta conscientia* ser frequentadas. Nunca pois é licito frequentar essas escolas... quando nellas se ensinam, ou fazem contra a doutrina catholica ou contra os bons costumes coisas, que não possam ouvir-se nem praticar-se sem detrimento da alma. Tal perigo, como é obvio, deve evitar-se de todo (*omnino vitandum est*) com qualquer damno temporal, até da vida.»

Instrucção da Sagrada Congregação da Inq. Univ. aos BB. dos Estados Unidos—24 nov., 1875. Cf. *Instr. da mesma S. C.* aos BB. gregos unidos—28 agost., 1900.

«Se os filhos soffrem grave perigo (proximo) contra os bons costumes ou contra a fé... nem aos paes é licito mandarem os filhos, nem aos filhos é licito irem a taes escolas: antes se deve soffrer seja que pena injusta fôr.»

Lehmkuhl, *Tractat.*, t. I, n. 786, (ed. 1893.)

«Peccam gravemente *per se* os paes que mandam os filhos ás escolas *neutras* ou *leigas*, em que se dá educação que prescinde de toda a religião positiva...»

Gury-Ferreres, t. I, n. 376, bis.

«A escola evidentemente má, por causa do ensino do professor, das desordens que nella se passam e toleram, e dos livros nella adoptados, não pode deixar de ser altamente reprovada. Está prohibido aos paes, sob pena de incorrerem em falta grave e de lhes serem negados os sacramentos, mandar os filhos a taes escolas, em razão do perigo certo e imminente que ali tem a fé.»

Arcebispo de Auch, *Carta pastoral*.

EM SUMMA:

1. Difficulta-se extremamente a frequencia das escolas neutras e perigosas.
 2. No perigo proximo de perversão de fé ou costumes, qualquer perda temporal, até a da vida, se deve preferir.
 3. Contra o dever paterno de instruir os filhos prevalece o perigo proximo de perversão destes.
- Por isso luctam na França os bispos e os catholicos. Se o perigo de perversão não *vallesse nada e bastasse por-lhe ao lado, ou depois, a instrucção religiosa, a que viriam taes extremos de combate?*

C. do A.

DOCTRINAS DA «VOZ»

«Ha catholicos que não mandam os seus filhos para as escolas, nem para os liceus, porque nelles se não ensina a religião e até muitas vezes os professores, esquecidos do seu fim principal, que é o ensino, não perdem occasião de lançar insultos contra a religião e contra os padres, seus ministros, E isto é simplesmente lamentavel...»

Mal andariam os pais catholicos que preferissem as escolas sem Deus. Mas no caso de não haverem professores catholicos, nem por isso deviam privar seus filhos do bem incomparavel da instrucção, por medo de que eles percam a religião de seus pais. Quem obrasse de modo contrario, mostraria não compreender a missão de educar que a Providencia confia aos pais.»

«Ponhamo-nos porem no caso, tantas vezes certo, de que a escola seja um perigo para os costumes da creança. Ainda neste caso os pais têm o dever de fazer instruir seus filhos, dado que os possam instruir depois religiosamente, porque, perante a sociedade, não lhes seria licito, por um perigo que d'este modo se tornaria mais ou menos ipotetico, privar os filhos de um bem real e verdadeiro, qual é a instrucção.»

«Não ha razão nenhuma, segundo o meu modo de ver, que valha contra a necessidade da instrucção e por conseguinte contra o dever que os pais têm de subministrar a seus filhos a instrucção, segundo as suas posses e segundo o seu estado.»

Voz de Santo Antonio, fev. 1908, pags. 533, 534.

EM SUMMA:

1. Franqueia-se extremamente a frequencia das escolas neutras e perigosas.
2. Não se reconhece *razão nenhuma* contra o dever paterno de instruir os filhos.
3. No perigo, tantas vezes certo, de perversão de costumes, diz-se bastar que *os paes possam instruir depois religiosamente* os filhos.

Francisco de Faria

Solicitador encartado

GUIMARÃES

Escritorio—Largo do Toural, 66

onde pode ser procurado das 9 horas da manhã ás 4 da tarde e fora destas horas em sua casa na rua de D. Luiz 1.º n.º 26.

Consultorio medico E DENTARIO

DO

DR. G. MOURA

Rua de Paio Galvão



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

- DE -

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ézerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangélicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lycen de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso **30 rs.** franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 80 reis
Pelo correio 85 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romancé moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.

1.^o vol., com 125 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e pregos modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis. Em series de 20 ou mais exemplares sortidos, faz-se a remessa franco de porte

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$800 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e comunicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introducção do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.^o 279

Ex.^{mo} Snr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.